



A CONTRIBUIÇÃO DA ANTROPOLOGIA PARA A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA DE SUJEITOS COM SÍNDROME DE DOWN

Kalina de França Oliveira ¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo trazer uma breve contribuição referente aos estudos antropológicos associados às intervenções psicopedagógicas de sujeitos com Síndrome de Down; além disto, visa também abordar as correlações entre Antropologia e Psicopedagogia, estabelecendo um paralelo entre as referidas áreas, assim como a importância de serem estimuladas investigações antropológicas, com o intuito de respaldar o fazer psicopedagógico, clínico e institucional, de sujeitos com a referida síndrome. A presente pesquisa bibliográfica aborda um tema relevante para a avaliação e intervenção psicopedagógica, por envolver o estudo amplo das condições socioculturais do sujeito com Síndrome de Down aliado à sua performance no processo de aquisição de novos conhecimentos e a importância de um fazer psicopedagógico respaldado em investigações antropológicas. O trabalho em voga está fundamentado nas considerações de SILVA (2010) e BOSSA (2011) no que se referem aos conceitos psicopedagógicos; MARCONI & PRESOTTO (2009) e MATTA (2010) nos princípios introdutórios antropológicos; MACHADO (2014) com enfoque na Síndrome de Down, dentre outros que fundamentam as questões de avaliação psicopedagógica e da síndrome em análise. A partir desta pesquisa, percebeu-se que os fundamentos antropológicos devem subsidiar o fazer psicopedagógico, embasando a intervenção psicopedagógica, abrindo com isto a possibilidade de um olhar plural diante do homem, de suas produções e de seu comportamento, objeto de estudo da Antropologia; e, com isto, ser possível verificar avanços na intervenção psicopedagógica.

Palavras-chave: Psicopedagogia, Síndrome de Down, Estudos Antropológicos, Intervenção.

INTRODUÇÃO

É perceptível que as relações estabelecidas no contexto em que o aprendente está inserido faz relação direta com a forma com que o mesmo constrói o conhecimento e o internaliza, já que o ser cognoscente por natureza é um ser social, assim como Silva (2010, p. 34) assevera quando explicita que:

A dimensão relacional contextual é constituinte no processo de construção do conhecimento, na medida em que o ser cognoscente é um ser social *contextualizado*, ou seja, determinado pelas condições materiais de existência em que vive na sociedade.

Para o Psicopedagogo, é importante compreender que o ser, em sua completude, não é composto apenas “por suas características físicas ou por sua herança genética, mas igualmente por tudo que recebe dos outros, isto é, dos grandes grupos a que pertence [...]” (JALES, 2010,

¹ Mestra pelo curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, kalina.ufpb.tae@gmail.com.



p. 23); e a Antropologia ganha espaço neste cenário investigativo de construção do outro, já que colabora para que ampliemos o nosso olhar diante do sujeito, pois se configura como “uma ciência que vê o ser humano em várias dimensões: a dimensão física, a dimensão social, a dimensão cultural” (JALES, 2010, p. 23).

As pessoas com Síndrome de Down (doravante SD) precisarão de condições especiais orientadas por profissionais e o apoio da família para realizarem atividades cotidianas como qualquer outro sujeito com desenvolvimento típico, tendo em vista que a intervenção deve ocorrer o mais cedo possível, para que ganhos significativos sejam acompanhados ao longo do processo. Neste sentido, a família tem função insubstituível, pois as pessoas com SD estabelecem com seus familiares relações afetivas e emocionais que favorecem a estimulação, a partir das próprias experiências vivenciadas no cotidiano, partindo de estímulos orientados por profissionais multidisciplinares e, desta forma, a família figura como norteadora do percurso de aquisição de novas habilidades nos ambientes não formais. E a partir da família são traçados os estudos antropológicos. Desta feita, não há como investigar antropológicamente, sem compreender as questões familiares intrínsecas.

Desta feita, a presente pesquisa tem como objetivo discutir questões referentes aos estudos antropológicos associados às intervenções psicopedagógicas; além disto, abordar as correlações de similaridades entre a Antropologia e a Psicopedagogia, assim como a importância de serem estimuladas investigações antropológicas com o intuito de respaldar o fazer psicopedagógico, pois na SD “o desenvolvimento da inteligência não depende exclusivamente da alteração cromossômica, mas é também influenciada por estímulos ambientais” (MACHADO, 2014, p. 209).

Esta pesquisa bibliográfica trata-se de um ensaio inicial acerca de um tema relevante para a avaliação e intervenção psicopedagógica, por envolver um estudo que busca ampliar o olhar acerca das condições socioculturais do sujeito aliado à sua performance no processo de aquisição de novos conhecimentos e, para isto, propôs explicitar pontos de convergência entre as áreas e, em seguida, discutir as dificuldades de aprendizagem e a sua correlação entre o meio social em que o ser cognoscente está inserido.

METODOLOGIA

A pesquisa em voga teve como foco trazer uma breve contribuição referente aos estudos antropológicos associados às intervenções psicopedagógicas de sujeitos com SD; além disto, visa também abordar as correlações entre Antropologia e Psicopedagogia,



estabelecendo um paralelo entre as referidas áreas, assim como a importância de serem estimuladas investigações antropológicas, com o intuito de respaldar o fazer psicopedagógico de sujeitos com a referida síndrome. A presente pesquisa bibliográfica aborda um tema relevante, por envolver o estudo amplo das condições socioculturais do sujeito com SD aliado à sua performance no processo de aquisição de novos conhecimentos e a importância de um fazer psicopedagógico respaldado em investigações antropológicas. Dessa forma, houve a necessidade de buscar fundamentação teórica sobre o tema supracitado e, para isso, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica para subsidiar, inclusive, uma análise comparativa.

Em conformidade com Barros e Lehfel (1997, p.93), vê-se a importância da pesquisa bibliográfica, já que “a competência em pesquisa científica está estritamente relacionada ao grau de experiência que o pesquisador vai adquirindo à medida que consegue finalizar os seus estudos para refletir sobre suas dificuldades”. Sendo assim, tal afirmação fundamenta a importância desse tipo de pesquisa para o fortalecimento dos estudos em questão, pois é através dela que se consegue fazer uma relação clara e precisa entre o problema a ser resolvido, os objetivos delimitados e o planejamento acerca da coleta e análise de dados.

REFERENCIAL TEÓRICO

No decorrer da história da humanidade ocorreram várias mutações de genes e modificações cromossômicas, inclusive a SD. Em 1956 cientistas comprovaram que ao invés de 48 cromossomos, havia 46 em cada célula de um ser humano típico e que na pessoa com SD existiam 47.

O processo de desenvolvimento da criança com SD apresenta um ritmo diferente, devido às lesões que são apresentadas no sistema nervoso e que prejudicam seu aprendizado. A dificuldade na aquisição da linguagem, devido ao atraso no desenvolvimento global, tem como consequência dificuldades na fala e na escrita do aprendente. O déficit de atenção é outro motivo que atrapalha o processo de aprendizagem, prejudicando o envolvimento em tarefas cotidianas, assim como na maneira de explorar o meio que o cerca. Isso exige apoio de profissionais capacitados para trabalhar o desenvolvimento cognitivo no que se refere a: percepção, atenção e memória para desenvolverem suas potencialidades.

A família é o contexto natural em que os indivíduos crescem e recebem auxílio, cumpre o seu papel de garantir a pertença e ao mesmo tempo promove a individualização do sujeito. Aprender faz parte dessa individualização. A família ao participar ativamente no desenvolvimento dos filhos, auxiliando-os na escola, em reuniões presenciais e em casa,



através do auxílio nas tarefas, faz com que haja uma maior interação e integração dos alunos em seu convívio escolar e social.

Segundo Rodrigo e Palácios (1998), o desenvolvimento das crianças com deficiência mental não depende só do grau em que são afetadas intelectualmente; pois, numa visão sistêmica, devem ser considerados vários fatores que corroboram com o desenvolvimento, sendo o ambiente familiar o principal.

Para inclusão social de sujeitos com SD, é pertinente observar a mediação dentro do contexto escolar, se o aprendente tem acesso às salas de AEE (Atendimento Educacional Especializado), se tem assistência de um psicopedagogo dentro e/ou fora do ambiente escolar, se apresenta condições socioeconômica desfavorável/favorável e se tem ou não o apoio de uma equipe multidisciplinar ou se é acompanhado por instituições que atendam a tais sujeitos levando em consideração suas especificidades.

Schawartzman (1999) ressalta que as crianças com SD têm um atraso no desenvolvimento global, que se manifesta também na aquisição da linguagem. O desenvolvimento da fala, bem como de todo o processo de comunicação, que depende de fatores presentes desde os primeiros momentos de interação com o meio social.

Segundo Kubinstein (1992, p. 103):

Em um primeiro momento a psicopedagogia estava voltada para a busca e o desenvolvimento de metodologias que melhor atendessem aos portadores de dificuldades, tendo como objetivo fazer a reeducação ou a remediação e dessa forma promover o desaparecimento do sintoma. Ainda, a partir do momento em que o foco da atenção passa a ser a compreensão do processo de aprendizagem e a relação que o aprendiz estabelece com a mesma, o objeto da psicopedagogia passa a ser mais abrangente: a metodologia é apenas um aspecto no processo terapêutico, e o principal objetivo é a investigação de etiologia da dificuldade de aprendizagem, bem como, a compreensão do processamento da aprendizagem considerando todas as variáveis que intervêm neste processo.

Diante do exposto, entende-se que a Psicopedagogia contribui de forma significativa na busca de uma compreensão ampla das implicações envolvidas, para que através deste entendimento, possa desenvolver uma avaliação e, finalmente, uma intervenção com eficácia.

O processo interventivo faz parte das atribuições do psicopedagogo, desta forma, evidencia-se a necessidade de informações atualizadas, que possam esclarecer aos profissionais de diferentes áreas. Portanto, para a realização de um trabalho eficiente “o psicopedagogo experiente deve saber introduzir todos os matizes necessários que caracterizam uma avaliação cuidadosa[...]” (SANCHÉZ-CANO; BONALS, 2010, p. 45)

É possível constatar a importância do assessoramento familiar e profissional na execução de atividades planejadas, com o intuito de desenvolver o repertório e as habilidades



da pessoa com SD, com intervenções sistemáticas, que somadas ao favorecimento do meio social, podem ocasionar melhoras significativas, considerando a gravidade do caso.

O tratamento da pessoa com SD passa, sem dúvida, pela família e pelo processo interventivo de forma integrada. Não se pode conceber um tratamento fragmentado. Devem ser consideradas as particularidades de cada caso. Uma intervenção com atividades de estimulação de forma adequada, principalmente nos primeiros anos, pode reverter em qualidade no desenvolvimento motor, cognitivo e social do indivíduo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Antropologia colabora com os estudos psicopedagógicos, tendo em vista que seu objeto de estudo é o homem, em sua totalidade, do ser biológico ao cultural, de forma ampla e genérica, sendo assim, a Psicopedagogia recorre às investigações antropológicas para responder as inquietações e compreender as lacunas do processo de aquisição de novos conhecimentos, sobretudo no que tange ao meio social onde o indivíduo está inserido, as cargas hereditárias que o mesmo carrega e o seu comportamento, de certa forma estereotipado, como resposta a determinados estímulos e provenientes de características apreendidas pelos pares de sua convivência.

A função psicossocial que assume a família caracteriza-se por uma proteção a seus membros, bem como uma função de transmissão e favorecimento à adaptação cultural existente. Essas funções podem levar a família a ser concebida como um contexto potencializador de sintomas relacionados com o processo de aprendizagem. (OLIVEIRA, 2009, p. 135).

A partir deste entendimento, é possível estabelecer um paralelo entre as condições socioculturais do sujeito e sua performance enquanto sujeito aprendente/cognoscente e, assim, construir uma conexão de contribuição entre a Antropologia e a Psicopedagogia, mais precisamente nas questões de intervenção, já que o psicopedagogo terá subsídios para avaliar o contexto com mais exatidão e segurança, partindo das observações do meio social e construindo um perfil hereditário de respostas aos casos apresentados, por exemplo.

Sendo assim, a dificuldade de aprendizagem não pode ser explicada somente pelo viés do sujeito, como se ocorresse um processo individualizado. O modelo sistêmico nos possibilita ter um instrumento que auxilia a leitura de um fenômeno pela ordem dinâmica de suas partes e pelos processos de mútua interação. (OLIVEIRA, 2009, p. 135).

Abaixo, fora estabelecido um quadro-síntese de convergências, entre as áreas, a saber:



Antropologia	Psicopedagogia
<p>“Como ciência da humanidade, ela se preocupa em conhecer cientificamente o ser humano em sua totalidade, [...]” (MARCONE; PRESOTTO, 2009, p. 1).</p>	<p>“...acreditamos que o objeto da psicopedagogia é o homem como ser em processo de construção do conhecimento, ou seja, o ser cognoscente.” (SILVA, 2010, p. 31).</p>
<p>“... seu foco de interesse é o homem e a cultura.” (MARCONE; PRESOTTO, 2009, p. 2).</p>	<p>“O conceito de aprendizagem com o qual trabalha a Psicopedagogia remete a uma visão de homem como sujeito ativo em um processo de interação com o meio físico e social. Nesse processo, interferem o seu equipamento biológico, as suas condições afetivo-emocionais e as suas condições intelectuais. A Psicopedagogia entende, ainda, que essas condições afetivo-emocionais e intelectuais são geradas no meio familiar e sociocultural no qual nasce e vive o sujeito.” (BOSSA, 2011, p. 117).</p>
<p>“... a ciência que estuda o homem, suas produções e seu comportamento. O seu interesse está no homem como um todo - ser biológico e ser cultural -, preocupando-se em revelar os fatos da natureza e da cultura.” (MARCONE; PRESOTTO, 2009, p. 2).</p>	<p>“... a psicopedagogia poderia considerar o ser humano como uma unidade de complexidades, ou seja, como um ser pluridimensional, com um dimensão racional, uma dimensão afetiva/desiderativa e uma dimensão relacional, esta última implicando um aspecto contextual e um aspecto interpessoal.” (SILVA, 2010, p. 32).</p>
<p>“Toda investigação antropológica vale-se do método comparativo em busca de respostas para uma infinidade de porquês, na tentativa de compreender as semelhanças e as diferenças físicas, psíquicas, culturais e sociais entre os grupos humanos.” (MARCONE; PRESOTTO, 2009, p. 2 - 3).</p>	<p>“Atualmente, a Psicopedagogia trabalha com uma concepção de aprendizagem segundo o qual participa deste processo um equipamento biológico com disposições afetivas e intelectuais que interferem na forma de relação do sujeito com o meio, sendo que essas disposições influenciam e são influenciadas pelas condições socioculturais do sujeito e do seu meio.” (BOSSA, 2011, p. 34).</p>

Assim sendo, é possível aferir semelhanças entre as áreas supracitadas (Antropologia e Psicopedagogia), pois ao considerar o processo de aprendizagem como produto de uma



construção que envolve diferentes relações em variados contextos, não se pode deixar de enxergar o processo relacional que fora estabelecido e que se estabelece entre escola e família, entre família e sujeito, entre sujeito e escola, etc., investigando o sujeito em sua singularidade e especificidade.

Consoante Smith e Strick (2012, p.31), “cerca de 40% das crianças com dificuldades de aprendizagem têm pais e/ou irmãos com problemas de aprendizagem similares”, sendo assim, a notória importância da pesquisa antropológica para conhecer, comparar, investigar e pesquisar o meio social do qual este indivíduo faz parte e as suas origens, para tentar assim: compreender as diferenças e semelhanças entre os grupos humanos, estabelecendo uma linha de heranças (similaridades) e cargas hereditárias que são provenientes de geração em geração, de forma sucessória; investigar a possível origem da disfunção e de explicações plausíveis para tal contexto.

É interessante destacar que em “um estudo com crianças com dificuldades de leitura descobriu que 88% tinham parentes que haviam apresentado problemas com o processamento da linguagem” (SMITH; STRICK, 2012, p. 31), sendo este um número alarmante e que chama atenção de qualquer dado estatístico, por ser um evento humano que necessita de um olhar específico, aproximando-se das pesquisas antropológicas, de cunho social, já que se trata de um “estudo do homem enquanto ser biológico, dotado de um aparato físico e uma carga genética” (MATTA, 2010, p.31), e que nos faz, enquanto pesquisadores das questões relacionadas à aprendizagem e psicopedagogos, estar atentos para tais investigações.

Entretanto, a genética jamais será a única causa e explicação para as dificuldades de aprendizagem; aliada a ela estão as influências ambientais compartilhadas e os fatores aleatórios específicos do indivíduo em questão. Os fatores ambientais, ou seja, o meio que envolve o sujeito aprendente, corrobora diretamente no processo de aquisição de novos conhecimentos e “o ambiente doméstico exerce um papel importante em determinar se uma criança aprende bem ou mal” (SMITH; STRICK, 2012, p. 33).

Enquanto psicopedagogos, devemos perceber, segundo Sánchez-Cano & Bonals (2010, p. 66), que:

A avaliação psicopedagógica de um aluno seria, então, pouco objetiva se considerasse unicamente os aspectos escolares e de aprendizagem, ou levasse em consideração apenas a forma de se comportar em um contexto determinado. É necessário partir da globalidade do indivíduo e do contexto amplo em que se move.

Para uma eficaz avaliação psicopedagógica é necessário partir de uma investigação das questões amplas (globalidade do indivíduo e contexto em que o mesmo está inserido), para, em um segundo momento, partir para questões singulares, como analisar os aspectos escolares



e de aprendizagem, em contextos determinados, por exemplo. Os dados relativos ao contexto em que move ganha real importância na construção do cenário avaliativo, sendo fundamental para a tomada de decisões na intervenção, próximo passo após a avaliação; pois, consoante Sánchez-Cano & Bonals (2010, p. 66):

A avaliação psicopedagógica de um aluno nos obriga a dispor de informações mais completas possíveis, sobre os seus aspectos cognitivos, emocionais, relacionais, e também sobre seu nível de aprendizagem; mas comporta igualmente a necessidade de contar com dados relativos ao contexto em que move: membros que integram a sua família, lugar que cada um ocupa, tipologia da escola, expectativas que sua família e a escola têm nele, dinâmicas relacionais existentes na família e na escola, grau de colaboração entre as duas instituições, etc.

E, a partir disto, para a intervenção psicopedagógica, os estudos antropológicos são basilares, porque oriundos deles serão traçados percursos eficazes para se compreender as queixas/demandas e as dificuldades de aprendizagem apresentadas, tanto na instituição quanto na clínica. Ou seja, para se elaborar uma intervenção que atenda a expectativa e que promova um prognóstico favorável aos sujeitos com SD serão cruciais olhares específicos no quesito estudos antropológicos, desde os contextos atuais que envolvem o sujeito aprendente, assim como os que envolveram (família, bairro, escola, etc.), embasando o profissional na elaboração da avaliação e sinalizando o passo a passo viável na intervenção, sobretudo nos sujeitos com SD, pois:

O indivíduo com Síndrome de Down tem que ser visto de forma global e educados não apenas para trabalhar a mente e sim o global, abrangendo todos os aspectos, inclusive a necessidade de interagir com o meio, tendo contato direto com o universo de objetos e situações que o cercam, podendo assim efetivar suas construções obre a realidade, visando desenvolver suas habilidades. (MACHADO, 2014, p. 212)

É notório que, para os sujeitos com SD, “em razão da grande variação das habilidades e das dificuldades da Síndrome de Down, programas individuais devem ser considerados e, nestes, enfatizam-se as possibilidades de aprendizagem de cada um” (MACHADO, 2014, p. 2012). Entretanto, para que tais programas sejam considerados é crucial investigar o ser em variadas vertentes, inclusive para que se enxerguem as possibilidades viáveis a serem colocadas em práticas, levando em consideração a família e os contextos em que os sujeitos estão inseridos e nas possíveis inserções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da premissa de que o indivíduo descontextualizado não existe e de que “para realizar a avaliação psicopedagógica de um aluno, devemos considerar os ambientes que



frequenta” (SANCHÉZ-CANO; BONALS, 2010, p. 81) é crucial trazermos para a intervenção psicopedagógica – desde a avaliação que norteará os passos seguintes do processo até as etapas intervencionistas, que serão decisivas para um prognóstico favorável – os conhecimentos adquiridos a partir de investigações antropológicas do meio em questão, que se vale, sobretudo, de um método comparativo de análise.

Os estudos antropológicos permeiam e subsidiam discussões sobre diversidade cultural dos povos, entendendo cultura como todo tipo de manifestação social, como hábitos, comportamentos, rituais, crenças, mitos e outros aspectos. Assim, o estudo da cultura familiar (o porquê e de onde se originam determinados juízos de valor, por exemplo) e as marcas impressas por esta família no sujeito aprendente ganham destaque, pois servirão de norteadores para esclarecer dúvidas e conduzir as intervenções psicopedagógicas, já que o sujeito é multifacetado e é fruto de uma construção social, lapidado pela família e pelo meio que o cerca. Desta forma, assevera Sampaio (2011, p.70) que:

[...] a família imprime suas marcas no sujeito, moldando-o conforme acredita serem corretos os seus juízos de valor. Estas marcas, no momento, poderão vir carregadas de frustrações, atribuindo ao filho a responsabilidade de ser o que estes pais não conseguiram, ou de continuar uma tradição familiar.

O homem, suas produções e seu comportamento não são desprovidos de significado e nem aleatórios, havendo sempre uma conexão por trás, uma explicação de cunho genético, hereditário, social, biológico, cultural, etc., que fundamenta este ser plural, cognoscente e mutável, que é originário de uma família, e carrega dela o berço de seu construto.

REFERÊNCIAS

BARROS, Aidil Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida Souza. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

JALES, Carlos Alberto. **Antropofilosofia da educação: um olhar sobre o humano** (perguntas de sala de aula). João Pessoa: Ideia, 2010.

KUBINSTEIN, E. **A intervenção psicopedagógica clínica**. In: SCOZ et al. **Psicopedagogia: contextualização, formação e atuação profissional**. Porto Alegre: Artmed, 1992.

MACHADO, Márcia Alessandra Parreira. Síndrome de Down: desvendando os mistérios da inclusão. In: SIMAIA, Sampaio; FREITAS, Ivana Braga de (Orgs.). **Transtornos e**



dificuldades de aprendizagem: entendendo melhor os alunos com necessidades educativas especiais. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2014. p. 205-221.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zelia Maria Neves. **Antropologia:** uma introdução. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MATTA, Roberto da. **Relativizando:** uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

OLIVEIRA, Maria Ângela Calderari. Contribuições da Psicopedagogia na relação família e escola. In: _____. **Intervenção Psicopedagógica na Escola.** 2.ed. Curitiba: IESDE, 2009. p. 131-145.

RODRIGO, M. J. & Palácios, J. (1998). **Família y desarrollo humano.** Madri: Alianza Editorial.

SAMPAIO, Simaia. **Dificuldades de aprendizagem:** a Psicopedagogia na relação sujeito, família e escola. 3 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

SANCHÉZ-CANO, Manoel, BONALS, Joan; et al. **Avaliação psicopedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

SCHWARTZMAN, J. S. (Ed.) (1999). **Síndrome de Down.** São Paulo: Memnon.

SILVA, Maria Cecília Almeida e. **Psicopedagogia:** a busca de uma fundamentação teórica. 2 ed. São Paulo: Paz e terra, 2010.

SMITH, Corinne; STRICK, Lisa. **Dificuldades de aprendizagem de a -z:** guia completo para educadores e pais. Porto Alegre: Penso, 2012.